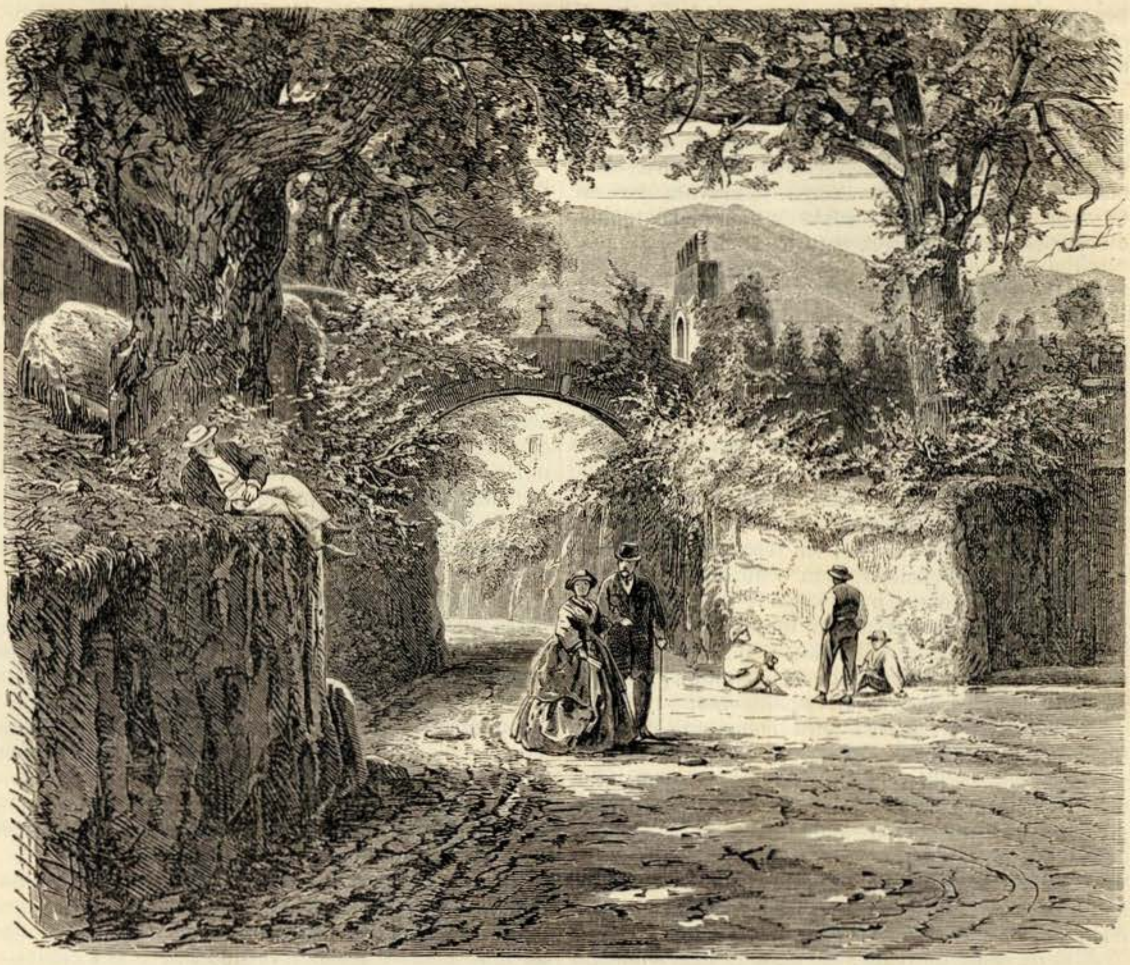


Vista pittoresca em Penha Longa

PENHA LONGA

Este nome, ao mesmo tempo que designa um valle e uma ribeira da serra de Cintra, ambos mui aprazi-veis e risonhos pela abundancia e frescura das aguas, pelo copado dos arvoredos e pelos verdores que alca-tifam a terra perennemente, tambem indica um mo-numento da piedade religiosa de nossos maiores, e um logar memoravel por várias recordações historicas.

O monumento é o antigo mosteiro de Nossa Senhora da Saude, o primeiro cenobio que tiveram n'este reino os monges de S. Jeronymo. As recordações historicas dizem respeito a quatro soberanos e a um infante de elevados espiritos e bemquisto do povo. E n'estas duas circunstancias se encerra uma coincidencia bem notavel.

A humilde casa de oração que fr. Vasco Martins e mais dois companheiros edificaram no anno de 1355, entre mattos e brenhas, no fundo do valle, como logar mais apropriado para a vida ascetica, longe do bulicio do mundo, quasi inteiramente occulta ás vistas profanas, viu-se convertida, ainda não eram passados dois seculos, em estancia predilecta de tantos principes!

O pobre conventinho, que o veneravel fundador erigiu para os seus successores viverem n'elle separados dos homens, e só entregues a orações e pensamentos de Deus, ao aceno dos reis alargou-se e trajou galas; e a cêrca pequenina, que os primeiros monges cultivavam por suas proprias mãos quanto bastasse para colherem da terra uma subsistencia párca e frugal, tambem se estendeu pelo mesmo impulso, cobrindo-se de pomares de frutas saborosas, e ornando-se com jardins, lagos e fontes. Em fim, a par do mosteiro surgiram paços reaes, e aquelles logares, consagrados ao silencio e ás devoções, foram animados a miude com a presença dos reis D. Manuel, D. João III, D. Sebastião e cardeal D. Henrique, e do infante D. Luiz; e alegrados e abrilhantados com o fausto da corte de taes monarchas.

Mas o que são as vicissitudes do mundo! Todas essas grandezas desappareceram tão rapidamente como o fumo levado pelo vento! Depois que a pedra do sepulchro caíu sobre o feretro do ultimo soberano da dynastia de Aviz, esse simulacro de rei que cingiu a coroa trajando a purpura cardinalicia, nunca mais alli pernoitaram hospedes reaes. Volveram os seculos; realisou-se no paiz uma grande revolução social; foram extinctas as ordens religiosas tão de improviso, como outr'ora se extinguíra com a morte do cardeal rei a monarchia de Affonso Henriques e a independencia d'esta generosa nação. O mosteiro ficou despovoado e abandonado, e aquelle logar quasi tão ermo como quando o foram povoar, no seculo XIV, os filhos de S. Jeronymo.

O monumento, que se ataviára ao mesmo tempo com os emblemas monasticos e com as divisas da realeza, foi salvo das ruinas que o ameaçavam pelo

sr. duque de Saldanha, que o comprou ao estado juntamente com a sua cêrca. Actualmente pertence esta bella e pittoresca propriedade ao sr. Thomaz Maria Bessone, que tem cuidado com louvavel empenho de conservar as velhas feições do edificio, e tudo quanto alli recorda as suas passadas glorias.

A pag. 135 do vol. vi acharão os nossos leitores uma breve noticia historica e descriptiva do mosteiro, com uma gravura que mostra a egreja; e a pag. 49 do vol. iii a vista e descripção de uma curiosidade natural que existe na sua cêrca. A gravura que vae no rosto d'este numero é cópia de uma photographia, e representa uma entrada para a cêrca.

I. de Vilhena Barbosa.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 206)

Empenhada a sua palavra, Chièvres procurou no dia seguinte o dr. Zumel. Não estava bem certo de que elle fosse pae das duas orphãs, Anna e Maria; porém, se uma feliz casualidade lhe proporcionava a ventura de pedir a um pae, em troca de seus filhos, um silencio, um apologo, para o qual não tinha havido preço no reino, o prestigio e a influencia do primeiro camarista deviam ser illimitados.

Decidiu-se, pois, a fallar-lhe. O homem intratavel commoveu-se. Aos seus olhos assomaram lagrimas ao mesmo tempo de amor e arrependimento.

— Seja leal e sincero para commigo, disse-lhe Chièvres; essas orphãs são na verdade suas filhas?

— São minhas filhas, não ha dúvida, respondeu Zumel; e o senhor camarista que sabe onde ellas param, guiar-me-ha para que possa apertal-as nos braços.

Era isto o que desejava o habil cortezão.

— Pois bem, disse-lhe de subito, prometto-lhe que se encontrará com suas filhas. Exijo, porem, em paga d'isso a sua adhesão a el-rei D. Carlos.

— Seria capaz de vender-me tão cara uma felicidade tão justa como a que peço?

— Não é cara, doutor. Os filhos são pedaços das entranhas, e a felicidade que lhe proporciono levando-o á sua presença, deve ser-lhe tão agradavel, que merece o sacrificio que lhe peço em compensação.

— Nunca retrocederei. O caminho que sigo é o da honradez. O bem da patria incita-me a continuar por elle. Se eu sou tão pequeno e humilde que dê logar a que o senhor camarista confunda o pae com o procurador, que negue a alma ao que exige justiça, saberei arrancar-lhe o segredo e provar d'este modo que se tenho por inimigos ao senhor e a todos os seus parciaes, não me falta razão, pois até do sentimento paternal querem fazer commercio vil, mercancia odiosa.

Chièvres estava mui costumado a ser tratado com tanto desprezo como o que revelava Zumel para com elle, por isso não se mostrou offendido, posto que tivesse de reprimir um impeto de colera. Mas primeiro que tudo era homem de estado, e o dr. Zumel tinha muita influencia em Castella.

Pagou com um sorriso os insultos do procurador de Burgos, e, despedindo-se d'elle, disse-lhe:

— Pense bem no caso, doutor; tenho nas mãos a vida de suas filhas. Se se conservar na opposição obstinada, da qual nenhum fructo colherá, poderemos ajustar um duello e matar-me-ha, por certo; porém o segredo de suas filhas morrerá commigo e a honra do doutor ficará maculada. Dou-lhe uma semana para se decidir.

— Não careço de um dia... nem de um minuto, respondeu o doutor.

— Reflexione... reflexione no caso... repetiu o camarista separando-se do dr. Zumel.

O procurador de Burgos ficou dominado pela mais profunda tristeza e pela mais cruel dúvida. Era pae e era representante de uma cidade que depositára na sua provada honradez plenissima confiança.

A sua decisão não podia adiar-se.

XVI

LUCTA INTIMA

O dr. Zumel fôra, com effeito, o amante da pobre Beatriz.

Ainda que tivessem decorrido bastantes annos desde a sua separação, nunca a esquecêra nem a suas filhas.

Quando Beatriz soube a falsa noticia da sua morte, e depois a do seu casamento, por que, na averiguação da primeira, não veiu a infeliz mãe de suas filhas impedir um enlace que se vira obrigado a contrahir para obedecer a um pae ancião e moribundo?

Vivêra Zumel em Burgos com sua esposa, porém sempre triste, sempre melancolico, e lembrando-se constantemente de que o ceo não abençoára a sua união, pois que não lhe concedêra fructos, e, no entretanto, duas filhas queridas que podiam suavisar-lhe as horas de tristeza permaneciam sós, porventura desamparadas, sem os seus cuidados, nem o seu affecto.

No anno 1516 perdeu a esposa, e desde então, ao passo que se desempenhava do grave encargo que lhe haviam confiado, procurava com solicitude suas filhas sem poder encontral-as, nem sequer achar vestigios d'ellas.

Atormentava-o o remorso; e, á custa de singularissima probidade e rectidão exemplar, procurou alcançar o perdão da sua culpa. Luctava por isso, e luctava como heroe, contra as ambições e os homens, que ameaçavam arruinar Castella, entrando na qualidade de amigos para serem depois senhores.

Mas quando o camarista Chièvres, querendo subjugar o seu coração de ferro, lhe fallou do segredo que se lhe deparára; quando lhe disse: — «Sei onde estão as tuas filhas e posso levar-te para o seu lado;» — então... ai! então o amor paternal, tanto tempo comprimido, irrompeu em um combate sem trégoa com o dever.

Um abraço de suas filhas era o preço da traição.

— Não... não póde ser... dizia para comsigo; nunca serei desleal aos que depositaram em mim plena confiança, a salvação da patria, a sua honra e gloria... E minhas filhas?... achal-as-hei. Se for preciso, arrancarei a esse homem o seu segredo com um punhal aos peitos...

A sua anciedade, o seu terror pensando que seria desleal, a sua dor ao imaginar que suas filhas viviam e elle não lhe sentia as pulsações do coração; em uma palavra, as idéas que lhe occupavam a mente não o deixavam um instante em socego. O desventurado Zumel pagava bem os extravios do passado com os tormentos do presente!

O doutor procurou Guilherme de Croy. Pretendeu por todos os meios imaginaveis arrancar-lhe o segredo que envolvia as duas orphãs. Súpplicas, ameaças, sagacidade, tudo foi inutil.

— Seja condescendente, dizia-lhe o primeiro camarista do rei; empregue a sua influencia em favor do nosso monarcha; não se opponha ás deliberações do conselho, nem seja adverso aos grandes de Castella... contribua para que as cortes jurem quanto antes o novo soberano, e suas filhas encontrar-se-hão logo em os nossos braços.

— Não o conseguirá de mim. Sacrificarei o amor de pae em honra da patria.

— É por certo razoavel o que diz, accrescentou o sr. de Chièvres a ultima vez que fallou com o obstinado representante de Burgos; mas fique sabendo o

dr. Zumel que, por causa da sua pertinacia, ignorará para sempre onde param suas filhas, as quaes talvez estejam proximo de nós... e, quem sabe, talvez as vejamos todos os dias!...

Estas palavras tornaram mais fundo o golpe de que se queixava Zumel, porém não abateram a energia que a honra lhe inspirava.

Encontraria brevemente as filhas. Não sería acaso tarde?

(Continúa) B. A.

AS DÉCADAS PORTUGUEZAS

I

JOÃO DE BARROS

A gloria portugueza, que por tanto tempo soou no mundo inteiro, tem hoje apenas dois echos, um mais vibrante porque se repercute no cristal sonoro da poesia, outro mais grave e mais cheio porque resôa no bronze da historia. A Europa, a Europa illustrada mesmo, que olvidou o nome dos nossos guerreiros, dos nossos legisladores, dos nossos estadistas, conhece apenas o chronista e o poeta dos nossos feitos: Barros e Camões. Na immortalidade d'elles resume-se a nossa immortalidade, e será difficil decidir se é um reflexo da nossa gloria, sumida no poente, que fórma a auréola d'esses vultos, como o reflexo do sol já abaixo do horisonte doira ainda a fronte erguida das estatuas, ou se é, pelo contrario, a fulgida coroa d'esses dois escriptores que dá a esmola de um dos seus raios á gloria nacional.

Creio que o grande povo e os grandes homens que transmittiram á posteridade os seus annaes são mutuamente credores e devedores. Se o poeta deu a lyra de oiro, do povo partiu a inspiração; se o historiador contribuiu com o magnifico buril, o povo lançou-lhe aos pés o marmore sublime. Camões é grande, principalmente porque é o representante de uma grande nacionalidade, porque é o Homero de uma Illiada gigante, porque a sua poesia colhe um grande realce dos fastos esplendidos sobre os quaes lança as artisticas prégas do seu rico manto, como o luar, bello sempre, bello quando se reflecte nas aguas placidas do rio, quando se espraia no tapete verdejante da campina, adquire não sei que magestade suprema quando se lhe deparam para elle as illuminar as magnificas ruinas de um velho monumento, quando se insinua por entre as laçarias truncadas, os frisos derrocados, os columnelos partidos, os ennegrecidos lavores da pedra, as esculpturas quebradas. O velho monumento é o nosso passado hoje em ruinas, o esplendido luar que o illumina e lhe dá um indescriptivel realce, é o clarão immenso que fulgura nas estrophes dos *Lusiadas*.

Mas d'esse monumento, que nos avulta semi-phantastico á luz d'esse formoso luar de poesia, o architecto foi João de Barros; foi elle que o apresentou ao sol da historia perfeito, completo, harmonioso, foi elle que reuniu os fragmentos esparsos, foi elle que juntou em galeria as estatuas decorativas, e que, tomando por modêlo os velhos monumentos romanos, construiu nas suas *Décadas* o Capitolio dos novos conquistadores do mundo, o Pantheon dos semi-deuses que offuscaram com as suas façanhas verdadeiras os fabulosos trabalhos dos Alcides e dos Theseus.

Ao povo, que havia de passar na historia traçando n'ella apenas um sulco luminoso, concedia a Providencia os meios de immortalisar esse rapido momento. Dava-lhe o chronista no proprio instante da acção para que elle podesse, á medida que os fosse ouvindo, reproduzir os gloriosos echos do estridor das armas no Oriente; dava-lhe o architecto do seu templo de gloria quando as pedras ainda estavam humidas de sangue, quando os vultos das estatuas ainda estavam frementes de vigor, e os nossos heroes podiam, sem atravessarem as sombrias regiões do tumulo, passar immediatamente da vida para a immortalidade.

Surgíra havia pouco a grande epocha da renascença; o estudo das letras latinas e gregas, o enthusiasmo pelos velhos escriptores da Italia e da Hellade reviviam de subito com uma vehemencia incrivel. Era desculpavel o engodo. Começavam-se a emprehender tão grandes coisas, a civilisação dera repentinamente passos tão agigantados, alargara-se por tal forma o ambito das idéas que os espiritos juvenis não se podiam já contentar com os ingenuos romances de cavallaria dos *trouvères*, com as frivolas canções dos *troubadours*, com a phylosophia casuistica do Aristoteles disfarçado que a edade média adorára, com as descripções pittorescas, mas, para assim dizermos, infantis, de Froissard, de Joinville, e de Ville-Hardouin. Era-lhes necessario um alimento mais robusto, uma litteratura mais séria, e essa só a podiam encontrar na sociedade civilisada dos antigos povos. Descobria-se a imprensa, descobria-se o Novo Mundo, a proa do navio de Vasco da Gama abria no vasto Oceano um caminho novo para a India, os sabios orgulhosos de Constantinopla dispersavam-se pela Europa trazendo comsigo os thesouros da erudição antiga, conservados escrupulosamente na velha Byzancio. Tudo isto viera junto e de subito; esta luz immensa deslumbrára as nações peregrinas que marchavam no seu passo ordinario caminho do progresso, e que não julgavam tão proxima a alvorada. Os seus olhos offuscados não poderam supportar o intenso clarão, cerraram-n'os e pediram um guia; deu-lh'o a antiguidade pagã. O estudo dos seus livros revelou-lhes o mundo maravilhoso em que ainda não podiam cravar as vistas; antes que podessem sentir as suas proprias impressões, conheceram esse espectaculo através das impressões dos outros! Os escriptores antigos foram os vidros córados por entre os quaes se insinuou o sol da illustração; quem não viu os objectos d'essa côr foi considerado barbaro; quem não seguiu escrupulosamente a philosophia de Platão mereceu o cognome de selvagem.

A historia tomou o mesmo rumo; debaixo da penna do chronista os factos transformavam-se e apresentavam um aspecto antiquado, os personagens contemporaneos figuravam com as feições dos Milciades e dos Gracchos; a mythologia mesmo foi amnistiada e obteve entrada no templo christão. Adeus chronicas singelas e ingenuas, brilhantes historias de feitos de cavallarias, a oratoria invadiu a narração dos acontecimentos, e a pompa de Tito Livio veiu substituir a simplicidade ingenua dos chronistas da meia edade.

Foi por este tempo, em 1496, que nasceu João de Barros.

Descendente de uma das familias mais nobres do reino, entrado muito novo na casa real, ahi recebeu a educação esmerada que se dava no paço aos moços da camara. Logo se revelou o seu talento brilhante e caracter estudioso, e muito concorreram estas prendas para a intimidade com que desde a infancia o honrou, ou antes se honrou o principe D. João, moço lhano, instruido e affavel antes que o fanatismo sombrio lhe viesse devorar o espirito, e maculasse aos olhos da historia todas as suas qualidades com esta simples phrase: «Introduziu em Portugal a Inquisição e a Companhia de Jesus.»

Como era de esperar, não se eximiu João de Barros ao gosto geral do seu tempo pelos primores da litteratura pagã. Eram os seus escriptores predilectos, em poetas Virgilio e Lucano, em prosadores Tito Livio e Sallustio. Facilmente se adivinhava a tendencia do genio do futuro auctor das *Décadas*.

Nenhum povo n'essa epocha tinha uma historia tão propria para sobre ella se fazer um livro romano na essencia como o povo portuguez. Por maior que fosse a importancia das luctas que na Europa se travavam entre os differentes estados, um fiel admirador dos filhos de Romulo não podia olvidar que essas luctas entre a Hespanha e a França seriam apenas consignadas nos annaes do velho Lacio com este simples titulo: «Discordias civis que houve entre as legiões da Gallia e as legiões da Iberia». O que verdadeiramente convidava a penna de Tito Livio eram essas guerras punicas em que metade do mundo conhecido, alistado debaixo das bandeiras de Annibal, combatia com a outra metade guiada á victoria por Scipião, em que tumultuavam nos acampamentos o cavalleiro numida com a tez bronzeada pelo sol africano, o fundibulario balear de olhos negros e ardentes, o montanhez do Herminio, ligeiro como a corça, temivel como o leão, o gaulez irresistivel no primeiro impeto, o lybico voluptuoso conduzindo ao combate a massa inerte dos elephantes, eram esses generaes diante de cujos feixes consulares se abaixava a magestade dos reis, eram esses proconsules fazendo tremer com um gesto os velhos imperios da Asia, era o vôo alteroso da aguia romana despregando as azas da cornija do templo de Jupiter Capitolino e indo poisar altiva e respeitada nos primeiros fraguedos do Caucaso.

Não nos fascina o orgulho nacional, mas a verdade é que a historia poetica e grande só a podia fazer no seculo XVI um escriptor narrando os nossos feitos. Tambem as quinas, desfraldando-se ao sopro da brisa nas praias do Rastello, iam ondear victoriosas no cimo do Himalaya, tambem os nossos proconsules faziam tremer a India com um gesto, tambem as nossas legiões viam confundidos nas fileiras inimigas o arabe arrojado, o tartaro feroz, o malaio traiçoeiro, o lascivo malabar com os seus elephantes, o mameluco que não recuava seculos depois diante das phalanges de Napoleão, o janisaro cujo nome, soando ao longe entre o retinir das armas, espalhava o terror na peninsula italiana, e despertava em sobresalto o burguez allemão pacificamente adormecido dentro dos muros de Vienna, tambem aos pés dos nossos governadores vinham depor as pareas os reis humilhados da Asia. A historia das nossas guerras indianas não era indigna da penna de um Tito Livio, e não foi orgulhoso Barros quando ousou escrever no frontispicio da sua obra o titulo que á historia de Roma dera o insigne escriptor de Padua.

Como entre todos os povos avultava o nosso, entre todos os escriptores avultava João de Barros. Confesso que me parece agora, com as idéas que temos ácerca do modo como a historia se deve escrever, injusta bastante a apreciação. Confesso que debaixo do ponto de vista philosophico e politico me parece não poder rivalisar uma só pagina das *Decadas* com uma pagina de Guicciardini, com um periodo de Commines, do astuto ministro que envergonhado confessava não saber latim. João de Barros sabia-o de mais. Porém, segundo as idéas do tempo, com a admiração enthusiastica e geral que se votára ás pompas da latinidade, o nosso escriptor merecia e obteve o primeiro logar. Note-se a grande differença que ha entre as opiniões do seculo XVI e as do seculo XIX sobre o modo de escrever a historia. Hoje entende-se que se deve escrever *ad probandum*, então entendia-se que devia ser simplesmente *ad narrandum*. A philosophia deve hoje projectar a sombra das suas azas na fronte do historiador; então era a eloquencia que lhe devia emprestar as suas para remontar com ellas ás regiões do sublime. E que historiador mais eloquente do que João de Barros encontrâmos nós no seculo XVI?

Por isso Veneza o collocava na lista dos grandes homens; por isso Pio IV mandava pendurar o seu retrato no Vaticano ao lado do de Ptolomeu; por isso Luiz Vivés, que, juntamente com Erasmo e Guilherme Budée, formava o triumvirato de eruditos, perante os quaes n'essa epoca se curvava a Europa, lhe escrevia as cartas mais lisongeiras; por isso Paulo Jove, o escriptor da aurea penna a quem os maiores potentados cortejavam para que elle lhes concedesse um logar na sua *Vida dos homens illustres*, o tratava como irmão de gloria. E devemos dizer que esta fraternidade intellectual honrava mais o sabio bispo de Nocera do que o historiador portuguez.

As *Decadas* de João de Barros são, repetimos, um monumento, são o arco de L'Etoile dos nossos exercitos no Oriente. Assim entendeu o architecto que devia fazer. Para o conseguir tinha que attender a tres coisas, á linguagem, ao estilo, e á veracidade.

A linguagem era ainda rude e incorrecta. A pedreira, d'onde elle devia arrancar o monumento, continha marmore, é certo, mas a pedra vulgar estava com elle entretecida, e era necessario um trabalho insano e um soprendente genio para d'alli tirar a alva e immaculada mole. Bernardim Ribeiro, o doce poeta das saudades, já políra e aperfeiçoára o idioma para poder n'elle murmurar as suas canções amorosas, mas a pedra branca das estatuas não é o marmore dos monumentos, e João de Barros queria a materia prima forte, consistente e bella para poder talhar á vontade, arrendar, lavrar, e dar a esses rendilhados e lavores a immortalidade que o architecto de Belem assegurava ás delicadas laçarias e aos frageis columnelos do seu maravilhoso templo.

Foi então que elle encetou esse trabalho talvez o mais bello da sua vida litteraria. Depois d'elle, ou junto d'elle ainda Miranda, Ferreira, Camões, fr. Luiz de Sousa, Vieira hão de polir, desbastar e opulentar a lingua, mas o idioma portuguez, tal como saíu das mãos de Barros, é já a lingua que se molda a todas as inspirações, é já a lyra de sete cordas onde uma vibração não falta, é já a harpa eólia onde o affecto suspira, a bellicosa tuba onde vibra o estridor das batalhas, o orgão melodioso onde o extase geme, a concha sonora em cujos intimos recessos echoam e se prolongam as vozes mysteriosas do Oceano. No cadinho d'aquella imaginação fervente revolviam-se o cobre e estanho do idioma popular e maritimo, o zinco da poesia balbuciante, o oiro de lei da velha lingua do Lacio, e o genio de João de Barros, debruçado sobre este chaos onde se revolviam tantos elementos diversos, soube d'alli arrancar em liquidas torrentes o bronze corinthio que vasaria depois no molde das suas estatuas.

O padre Antonio Pereira de Figueiredo entregou-se a um trabalho curioso e interessante, foi o de colleccionar as palavras, as phrases, as construcções com que João de Barros enriqueceu a lingua [1]. Quem percorrer as duzentas paginas d'essa obra de diccionarista, depois de folhear as Décadas, sente a mesma impressão que póde sentir vendo no chão partidas e separadas as flores de pedra, as rendas marmoreas, a folhagem de lavores que víra, instantes antes, enlaçadas e esplendidas nos frisos e nas cornijas de um templo magnifico. A primeira impressão é desagradavel, mas depois a curiosidade apodera-se do observador, este aproxima-se e admira então a delicadeza do trabalho, a finura dos contornos, o genio que foi necessario empregar no lavrar de cada um d'esses pormenores, para que todos reunidos apresentassem um aspecto fascinador. É o que nos succede, vendo, para assim dizermos, o arsenal litterario de Barros, contemplando as pedras trabalhadas que elle depois collocava no seu monumento.

[1] Foi publicado esse estudo no vol. III das *Memorias de litteratura da academia*.

Ao genio juntava Barros uma grande qualidade, o bom senso, qualidade rara em todos os tempos, mas n'essa epocha ainda mais rara do que o genio. De todos os escriptores portuguezes é Barros um dos que menos se deixam levar pelo attractivo do maravilhoso. Raramente se encontra no seu livro a narração de uma d'essas apparições de S. Thiago pelejando pelos nossos, e se por acaso, aqui ou além, surge um ou outro milagrinho é porque o espirito do tempo não lhe consentia que se eximisse completamente d'essas obrigações de um escriptor temente a Deus e respeitador dos seus santos. Apesar de não o podermos considerar como um historiador philosopho, não devemos dizer tambem que algumas reflexões, com que de vez em quando acompanha a narração, não sejam justas e sãs. Mas o que mais nos prova o bom senso do escriptor é a gravidade e a elevação do seu estilo, a um tempo rico e singelo, sem ornamentos e pompas de mau gosto que desfeiam a magestade da historia, e o acerto com que polia a lingua sem se deixar arrastar, como os que em França emprehenderam o mesmo trabalho, pela vã mania da erudição.

Effectivamente ha uma coisa que pedimos licença para notar. Na renascença todos os espiritos se voltaram com ardor para a antiguidade, e assim como os poetas foram buscar ao latim e ao grego as idéas e as inspirações, tambem lá foram procurar as phrases que lhes pareceram mais sonoras do que as dos seus idiomas nataes. D'ahi resultou uma refundição das linguas européas, em que insensivelmente se es-



João de Barros

tabeleceram duas camadas, uma derivada natural e primitivamente da corrupção do latim rustico, e que permaneceu quasi textualmente no idioma popular, a outra derivada artificialmente do latim litterario, estudado pelos sabios da renascença, e que ficou sendo a lingua dos eruditos. Estes dois ramos, partidos do mesmo tronco, enlaçaram-se e formaram as ricas linguas modernas, onde o sabio ou o homem do povo egualmente encontram a palavra nobre ou a palavra vulgar de que necessitam. Ora, mas para que este enxerto vingasse, era necessario que os cultivadores percebessem bem a estructura anatomica do idioma em cujas veias queriam insinuar o sangue velho mas sempre ardente do latim. Não procederam d'essa fórma os escriptores francezes que formaram a celebre pleiade, e invadiram com as suas phalanges romanas o territorio gaulez, que, mais feliz que no tempo de Cesar, reagiu e expulsou-as. Hoje é obsoleto esse idioma, de que Rabelais zombou mettendo em scena o estudante que para dizer «Paris» usava d'este circumloquio: *«l'urbe qu'on vocite Lutece»*. As poesias de Ronsard, de Du Bellay, de Baïf são em grande parte inintelligiveis para os francezes do seculo XIX.

Portugal não foi estranho a esse movimento; aqui tambem se operou a invasão latina; mas parece-nos que nem uma só das palavras introduzidas pela renascença tornou a sair da lingua, e são ainda hoje os classicos quinhentistas as fontes puras da boa linguagem portugueza. A que se deve isto? Ao bom senso de João de Barros e dos grandes escriptores que seguiram o seu systema. Para formar a lingua de que se havia de servir, João de Barros procedeu, para seguirmos a metaphora acima empregada, como o operario na fundição do bronze. O cobre e o estanho formam a base principal, o oiro e o zinco podem entrar como accessorios, para dar ao bronze essa fulva côr do bronze de Corintho, que a tradição affirma ter sido produzida pela fusão accidental dos metaes mais diversos.

O cobre e o estanho eram os metaes do idioma popular, o oiro era a liga romana.

Por isso que lingua viva, colorida, energica não é essa que se encontra pela primeira vez desenvolvendo todos os seus recursos nas paginas dos livros de Barros! Que abundancia de termos e phrases metaphoricas, todas tão cheias de propriedade, exprimindo tão vigorosamente a idéa que reproduzem! Para dar á sua phrase esse cunho valente e original, Barros foi

pedir termos á technologia dos arrayaes e dos galeões, em cada palavra incluiu uma imagem, como em cada centelha de um foco ardente uma luz, e assim, sem esforço, sem pretenção, pelo natural fulgor que emana da sua phraseologia phantasiosa, os periodos de Barros como que illuminam o assumpto e inflammam o espirito de quem os lê.

Isto naturalmente nos conduz a insistirmos n'uma reflexão que acima fizemos de passagem. Barros, tendo toda a pompa de um escriptor romano da grande epocha, nunca revela mau gosto nem se seduz com falso brilho. Dotado de uma esplendida phantasia, o seu estilo tem, comtudo, uma simplicidade severa, uma nudez magestosa, mas nudez de estatua. O estilo de Barros é opulento, não como opulenta mulher que se vista com roupas deslumbrantes, mas como virgem formosa das solidões, alva e nua, opulenta das graças que a natureza lhe concedeu; não é imagem rica de santo de aldeia, é estatua simples de Phidias. Barros não procura os ornatos, os vãos enfeites, não suspende a narração para dar cabimento a uma imagem, não floreia um thema com mil reflexões elegantes, não está a cada passo empregando comparações; mas a metaphora admiravel resume-se concisamente no sentido translato d'esta palavra, no emprego occasional d'aquella phrase. E como o bando de pyrilampos esvoaçando no tapete verde e uniforme de um jardim derramam em torno de si uma luz suave, assim o alado bando dos vocabulos de João de Barros, esvoaçando por entre a lisa trama da sua narração, a esclarecem e illuminam com o phantastico clarão que expandem.

Este nobre estilo a um tempo formoso e grave, sobrio e opulento, conciso e florido, não se formou espontaneamente, foi o resultado de longo e apurado trabalho. Não se póde duvidar de que muitas vezes a penna de João de Barros quizesse fazer uma excursão mais dilatada pelos campos da poesia, mas logo vinha a razão soffreal-a, e, conservando a phrase altiloqua e sonora, João de Barros não consentia que se desvairasse por sitios amenos, aonde a grave musa da historia a não podia seguir. No marmore das gloriosas chronicas podia o cinzelador, isto é, o poeta, lavrar maravilhosos poemas, entrelaçar festões e flores; mas o historiador não deve senão conservar a nobre harmonia das fachadas, as proporções magestosas das columnas, a curva graciosa dos porticos, permittindo-se-lhe apenas que uma ou outra vez enrole as volutas floridas do acantho em torno do capitel corinthio.

Estava d'isso tão convencido, entendia tanto que o estilo da historia, devendo estar á altura dos magnificos fastos que se encarregára de transmittir aos posteros, não devia ornar-se de lentejoulas, desejava tanto não transpor certos limites que a si mesmo marcára, que elle para estar certo de que a phantasia se lhe não esquivaria quando se tratasse de a conservar n'um passo moderado, antes de se abalançar ao grande trabalho de chronista, quando ainda não pensava em ser o historiador especial das Indias, mas sim em escrever uma historia geral do seu paiz, resolveu, para formar e experimentar o estilo, para provar a mão e ensaiar a penna, para domar no picadeiro o pégaso fogoso, que se lhe podia depois desbocar no campo, resolveu, pois, escrever uma obra de menos tomo, um livro frivolo, um romance de cavallaria, a fim de que, narrando aventuras phantasiadas de heroes imaginarios, se fosse preparando para poder contar as veridicas façanhas de verdadeiros paladinos. Esse livro de experiencia foi o *Clarimundo*, livro que se póde considerar como classico, e onde a linguagem principia a revelar os matizes deslumbrantes que a haviam de tornar tão notavel depois.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

O LUXO

Dizem todos os dias que o luxo dá movimento e actividade aos negocios, e que é assim que se enriquece a sociedade. É um grande erro.

O dinheiro empregado em sustentar carruagens, cavallos e criados de luxo e ostentação, consome-se e não dá lucro; mas o dinheiro que se exhaure na terra sustenta cavallos e criados de lavoira, augmenta a riqueza particular, e, por conseguinte, a publica.

É verdade que em ambos os casos o dinheiro circulou; mas que singular differença nos resultados! Longe de imprimir movimento e actividade aos negocios, o luxo tende a limital-os, pois que destroe sem compensação os capitaes (o trabalho e os instrumentos) e anniquila a sua força productiva.

Tambem não é exacto que a satisfação das nascentes necessidades do luxo origine e incite o amor do trabalho; o que, pelo contrario, origina e incita é a avidez das riquezas bem ou mal adquiridas.

O luxo tende sempre a fazer sobresair a desegualdade das condições. E a moral não póde deixar de condemnar o consumo pessoal exaggerado, porque demonstra o egoismo e a vaidade. A economia politica egualmente o condemna, porque exhaure a sociedade, deixando enraizar n'ella o pauperismo e a miseria.

Quando uma familia quizer gastar mais do que o producto do trabalho ou dos haveres, rapidamente empobrecerá. As prodigalidades vãs não podem ser titulo de gloria em uma sociedade onde for reconhecida a lei do trabalho.

«As pessoas, diz um illustre economista, que, por seu poder ou talento, procuram derramar o gosto do luxo, conspiram contra a felicidade das nações.»

O INFANTE D. HENRIQUE

(Conclusão. Vid. pag. 170)

X

A povoação de Porto Santo e da Madeira não podia satisfazer, comtudo, as aspirações de D. Henrique. Era mais largo o seu desenho, e olhavam para mais longe as suas esperanças. Só treze ou quatorze annos depois é que a fortuna, mais propicia, principiou a favorecer o constante esforço de tantas expedições, premiando a paciencia com que supportára os revezes, e a perseverança com que resistira a tão fortes e desvairadas opposições. A Gil Eannes, escudeiro de sua casa, coube a honra de ser o primeiro no caminho dos gloriosos descobrimentos que a Providencia lhe fadára.

O mancebo, que nas viagens dos outros capitães nunca passára das Canarias, rogou, em 1433, ao principe que lhe confiasse o commando de uma expedição. Accedeu o infante, mandou-lhe armar uma barca, e, chamando-o de parte, instou muito com elle para que, vencendo o susto que prendia a todos, ousasse montar o cabo Bojador, affiançando-lhe que mesmo não fazendo mais que dobral-o, ganharia nome illustre. As razões com que o persuadiu merecem notar-se, porque mostram a elevação de um grande coração, superior ás trevas e illusões da epocha.

—«Vós, disse elle, não podeis encontrar perigos que excedem o galardão. Pasmo de ver o receio que tendes de coisas imaginaveis, que não são o que pintam d'ellas, e que se fundam apenas na opinião de quatro mareantes, que, em saíndo da carreira de Flandres, ou de outros portos conhecidos, nunca mais sabem da agulha ou das cartas. Ide, e desprezae os

medos. Estou certo de que haveis de recolher-vos da viagem com proveito [1].»

Era grande a auctoridade do principe pelo saber e pelo respeito, e as suas palavras caíram no animo do escudeiro. Querendo provar que merecia a preferencia, cerrou os olhos, e, insensivel aos terrores, poz a proa no cabo e dobrou-o com felicidade.

Quebrou-se então o encanto. Ficou rasgada a nova estrada, e a fama de Gil Eannes, avultada pela audacia e novidade do feito, eclipsou n'aquelle tempo a dos maiores navegadores. A alegria de D. Henrique foi immensa. Estavam desfeitas em parte as apprehensões. Aquellas aguas eram navegaveis. Os monstros de que a phantasia dos geographos arabes povoára o *mar tenebroso* sumiram-se com o primeiro raio de luz da experiencia. Além do cabo existiam as terras e as raças ignoradas que o infante ha tantos annos visitava em espirito e que uma sciencia mais solida e allumiada do que a das escholas e da tradição promettêra descobrir-lhe.

Gil Eannes na sua barca, e Affonso Gonçalves Baldaya em um varinel, foram enviados segunda vez n'esse mesmo anno, e, navegando cincoenta legoas além do cabo, avistaram terras sem casas e seguiram rastos de homens e de camelos na Angra, depois chamada dos *Ruivos*. Insistiu D. Henrique em não levantar mão da empreza agora que a fortuna a bafejára, e logo em 1435 mandou de novo Baldaya, como descobridor, com instrucções de se adiantar o mais possivel, e de ver se podia reter algum d'aquelles, cujos vestigios apercebêra na viagem anterior.

Partiu Affonso Gonçalves, navegou setenta legoas adiante do cabo, viu e combateu os barbaros, mas recolheu-se sem poder captivar nenhum [2].

A expedição de Tanger, de que o infante regressou em 1437; a morte del-rei D. Duarte, em Thomar, a 9 de setembro de 1438; e a menoridade de Affonso v com as altercações da gerencia e da tutela occuparam por cinco annos o principe, distrahindo-o de novas emprezas. Mais socegado o reino e mais desaffrontado de cuidados tambem o fundador de Sagres com o governo do infante D. Pedro, voltou de novo a attenção para as navegações remotas, e em 1441 enviou Antão Gonçalves, seu guarda roupa, mancebo e ousado, em um navio pequeno, com a commissão de carregar azeite e couros de lobos marinhos *(phoca vitulcria de Linneo)*, sem esquecer a costumada recommendação de se adiantar o mais que podesse, tomando lingua que o instruisse dos costumes e religião dos habitantes.

Vinte e um mareantes compunham a tripulação da barca, ou varinel, e Antão Gonçalves, ao qual os brios juvenis inflammavam o sangue, consultou com Affonso Guterres, moço da camara, entranharem-se todos pelo sertão, e não se recolherem sem levar ao principe os captivos que ha tanto tempo pedia em vão. Approvado o plano, apenas caiu a noite, abicou Antão Gonçalves á praia com nove companheiros, e, mettendo-se tres legoas pela terra dentro, foram dar com um rasto de homens e de rapazes, e, seguindo-o rendidos da calma e de sêde intensa, alcançaram por fim prender um moiro e uma mulher [3]. Ainda estavam celebrando a primeira e ditosa estreia, quando avistaram as velas do baixel, em que Nuno Tristão, cavalleiro tambem moço da casa do infante, vinha por ordem de seu amo alongar os descobrimentos desde o Rio do Oiro e o cabo da Galé, aonde os tinha deixado em 1436 Affonso Baldaya. Foi alegre e cordial o encontro. Nuno Tristão e Antão Gonçalves, na flor da mocidade, e ambos cubiçosos de fama e de louvores, assentaram em não se apartar sem presa mais rica que a dos dois captivos, desejando compensar ao infante as despezas e trabalhos de vinte e cinco annos.

Ouviu-os a fortuna e estendeu-lhes a mão. Escolheram vinte homens resolutos, adiantaram-se como exploradores Gonçalo de Cintra e Diogo Annes de Valladares, escudeiros valentes, e foram no meio das trevas acertar com dois arraiaes muito proximos, em que os moiros descançavam. Investiram-n'os com o brado de «Portugal e S. Thiago!» O espanto quebrou as forças aos barbaros. Desataram em fuga louca, despedindo, desaccordados, azagaias e arremessos. Pereceram quatro e ficaram dez nas mãos dos nossos, entre elles Adahu, chefe e pessoa principal. Em memoria do feito recebeu Antão Gonçalves a ordem de cavallaria, de Nuno Tristão, seu companheiro de armas, e foi baptisado o logar com o nome de *Porto do Cavalleiro*.

Os captivos eram Azenaghes e fallavam a lingua berbere, que nenhum interprete entendia a bordo. Separaram-se os dois aventureiros. Antão Gonçalves, que já tinha carregado a barca, voltou a Portugal, e Nuno Tristão continuou a navegação até ao cabo Branco, aonde achou signaes da passagem de cafilas, e redes de pescar, tecidas de fios vegetaes [1].

A chegada dos dois mancebos com a noticia e os testimunhos vivos da verdade das conjecturas dos cosmographos de Sagres foi de certo para o infante o maior triumpho e o maior jubilo de sua vida. São mais gratas e lisongeiras as grandes victorias da sciencia e do espirito, do que as palmas ensanguentadas que o acaso arranca muitas vezes das mãos inconstantes da guerra. A Africa era habitada. O clima e os mares desmentiam as sombrias hypotheses dos geographos antigos. Em vez da aridez e da morte, a esperança sorria da coroa d'aquelles promontorios ao arrojo dos navegadores. Os captivos, que os dois capitães acabavam de lhe offerecer, eram as primicias, eram as pareas do Oceano e do continente avassallados. O véo que encobrira quasi metade do mundo começava já a levantar-se. Obra do futuro, homens da geração nova foram tambem os que a iniciaram. Gil Eannes, Affonso Baldaya, Antão Gonçalves e Nuno Tristão, talvez não sommassem todos quatro os annos de qualquer dos conselheiros provectos, representantes do passado, que a essa hora deploravam os commettimentos do infante!

Fez ruido em Portugal e fóra d'elle a alegria d'esta boa nova. Outros descobrimentos se haviam realisado n'este meio tempo, mas nenhum causou ou podia causar a profunda sensação que fez a vista de terras declaradas inhospitas pelos antigos, e de gentes cuja existencia tinha sido negada como absurda. Em 1431, Gonçalo Velho Cabral, correndo os mares do oéste, encontrára os baixos das *Formigas*, entre as ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, sem as avistar; e, enviado segunda vez, no anno seguinte (1432), descobrira Santa Maria, a 15 de agosto, no archipelago dos Açores, e fôra nomeado capitão e donatario da ilha pelo infante. Em 1440 Diniz Fernandes, escudeiro do infante D. João, chegára ao rio de Senegá (denominado Sonedech pelos naturaes), e em 1443 montára o promontorio que fórma o ponto mais occidental da Africa, pondo-lhe o nome de *Cabo Verde*, pelos bosques e verdura que o vestiam [2].

Todos estes feitos ajudavam seguramente as emprezas do principe, e alimentavam a actividade, a sêde de gloria e o ardor de aventuras, feições caracteristicas d'aquelle seculo e d'aquella robusta gera-

[1] Azurara. *Chronica de Guiné*, cap. IX. — Goes. *Chronica do principe D. João*, cap. VIII.
[2] Azurara, cap. X. — Barros, década I, liv. I, cap. IV e V. — Goes. cap. VIII.
[3] Azurara, cap. XII. — Goes, cap. VIII. — Barros, década I, liv. I, cap. VI.

[1] Azurara, cap. XIII. — Goes, cap. VIII. — Barros, década I, liv. I, cap. VI.
[2] Goes. *Chronica do principe D. João*, cap. VIII. — *Navegações de Cadamosto*, relação I.

ção; mas as ultimas viagens de Antão Gonçalves e de Nuno Tristão haviam decidido o pleito entre a sciencia dos geographos gregos e arabes, e as hypotheses apenas verosimeis até então da cosmographia moderna, ensinada por D. Henrique.

As informações colhidas dos captivos acabaram de confirmar as conjecturas de Sagres, desvanecendo os erros e as ultimas apprehensões dos praticos. Emmudeceram os detractores, convenceram-se os incredulos, e, sem transição, passaram todos da desconfiança ao enthusiasmo. Os que mais tinham deprimido os designios do infante, convertidos pelo successo, tornaram-se seus apologistas infatigaveis. Os que só o haviam deixado por tantos annos tentar a fortuna, applaudindo quasi os revezes, propozeram-se-lhe como auxiliares. Rasgados de repente todos os horisontes, a temeridade succedeu aos receios. Tudo se julgava facil desde que um lance audaz vencêra o impossivel imaginario [1].

Datam d'esta epocha os progressos mais firmes, e por assim dizer a organisação dos descobrimentos. As tentativas parciaes do infante, embora sempre allumiadas de plano, pareceram pequenas e timidas aos novos exploradores, estimulados pela ambição. Formou-se em Lagos uma companhia sob a direcção do principe para armar á sua custa os navios, servindo-o n'aquellas regiões, e pagando-lhe direitos elevados das riquezas que adquirisse. Apparelharam-se logo e sairam ao mar seis caravellas, levando por capitão a Lançarote, escudeiro e almoxarife del-rei, acompanhado de Gil Eannes e de mais quatro aventureiros intrepidos. Seria talvez n'este periodo que o famoso mestre Jacome de Maiorca, tão versado na navegação, como na arte de fabricar instrumentos e de projectar cartas maritimas, foi chamado a Sagres, attrahido pela promessa de larga recompensa, para dirigir os estudos dos pilotos portuguezes [2].

Ao mesmo tempo, antevendo as prosperidades afiançadas pelo futuro, e receioso da emulação e cubiça dos reis visinhos e dos outros estados, o infante mandava a Roma por embaixador, com a noticia dos descobrimentos, a Fernão Lopes de Azevedo, cavalleiro da ordem de Christo, varão estimado e edoso, fiando de sua prudencia o exito da negociação importante que lhe commettêra. Fernão Lopes partiu, encarregado de exaltar na presença do pontifice os resultados das navegações, encarecendo o muito que promettiam á dilatação da fé entre gentes barbaras e fóra de toda a convivencia européa, e de ponderar egualmente as immensas despezas e os sacrificios que suas primicias tinham custado ao principe, á ordem de Christo e ao reino. Devia supplicar, em conclusão de tudo, ao vigario de Christo e ao sacro collegio que estendessem a protecção da egreja a emprezas começadas e seguidas com tanto proveito da lei de Deus, concedendo á coroa portugueza a posse perpetua de tudo o que descobrisse desde o cabo Bojador.

Maravilhou-se Roma com a novidade, e respondeu com a bulla de Eugenio IV, que, liberalisando estimulos ás expedições intentadas contra os infieis, e animando-as com indulgencias e perdões, lançou sobre as conquistas de Portugal, não só a benção, mas o manto da egreja, titulo precioso de dominio e de legitimidade n'uma epocha em que o papa era ainda juiz e supremo arbitro de quasi todos os direitos duvidosos e contestados. Nicolau V, em 8 de janeiro de 1450, por documento muito mais explicito, suscitado em 8 de janeiro de 1454 por outro muito expresso, confirmou as palavras de Eugenio, concedendo ao duque de Vizeu, a D. Affonso V e aos soberanos seus successores, todas as conquistas de Africa, com as ilhas dos

1 Azurara. *Chronica de Guiné*, cap. XVIII. — Goes, cap. VIII. — Barros, década I, liv. I, cap. VIII.
2 Azurara, cap. XV, pag. 89 e 92. — Barros, década I, liv. I, cap. VII.

mares adjacentes *desde os cabos Nam e Bojador até á Guinea toda* com sua costa meridional.

Calixto III foi mais longe na bulla de 13 de março de 1455, porque determinou que o descobrimento das terras de Africa Occidental, tanto a já adquirida como a que se adquirisse depois, só podesse ser feito por Portugal, cerrando aquelles mares ás outras potencias. Finalmente, Xisto IV, em sua bulla de 21 de julho de 1481, não só roborou e affirmou as de Nicolau V e de Calixto III, como accrescentou ainda, que o rei de Castella se obrigára a não consentir que os subditos ou os estrangeiros residentes em seus estados negociassem nas terras descobertas pelos portuguezes sem licença de Affonso V [1].

Com a boa sombra de tantos auxilios proseguiram as navegações e as conquistas das ilhas desertas. S. Miguel, achada no dia em que a egreja festeja o archanjo do seu nome (8 de maio), em 1444, pelo mesmo Gonçalo Velho Cabral, donatario da ilha de Santa Maria, principiou a ser povoada e cultivada no anno seguinte. Em 1445, a caravella de Vicente Dias de Lagos, em que se embarcou o veneziano Cadamosto, entrava a bahia de Arguim, tocava as costas do Senegal, e passava á terra de Budomel. Juntou-se-lhes o grande navegador genovez Antonietto de Nola, e correndo para o sul de conserva, descobriram ambos a boca do rio Barbacim, sessenta milhas adiante de Cabo Verde, e ainda além o rio e a terra de Gambia, que buscavam determinadamente por ordem expressa do infante. A esse tempo Sagres ia-se fazendo emporio mercantil, e os portos do Algarve eram visitados por navios genovezes, malhorquinos, catalães e venezianos, que vinham indagar noticias, e carregar de assucar da Madeira, de sangue de drago e de outras mercadorias de nossas conquistas. Arguim já via em começo, pelo menos, a obra do castello, em que trabalhavam por conta do infante muitos officiaes, e era séde da feitoria para o contrato dos dez annos ajustado com os arabes, contrato que fechava a todos, menos aos portuguezes, o trato dos productos d'aquellas regiões [2].

No meio d'estes vastos e prosperos successos falleceu o infante D. Henrique, a 3 de dezembro de 1460, doando ao infante D. Fernando, que adoptára como filho mimoso, as ilhas da Madeira, Porto Santo e Deserta, cinco das do archipelago dos Açores, S. Jorge, Jesu Christo (a Terceira), Graciosa, S. Miguel e Santa Maria, e quatro das do Cabo Verde, S. Thiago, S. Filippe, a ilha de Maio, e a ilha de S. Christovão ou do Sal. Não cabe em quadro tão estreito a noticia de todos os descobrimentos, de seus pilotos e capitães, até ao anno em que cerrou os olhos, legando, não só á historia patria, mas á do mundo, uma das paginas mais gloriosas.

Insistimos nas difficuldades das primeiras tentativas, porque foram ellas que mais e melhor confirmaram a sciencia e a vontade do principe. Combatido pelas idéas do tempo, pelo exito infeliz de mais de doze annos de ensaios infructuosos, e pelas murmurações do povo, qualquer outro teria desistido da empreza, vencido ou desmaiado. Elle não. Homem do futuro, abraçou-se com a esperança e deixou-se guiar pela fé. Ambas lhe asseguraram a immortalidade. O seu nome, inseparavel do grande seculo, que tantos rasgos ennobreceram, não empallidece com a gloria de nenhum outro, nem foi ou póde ser egualado pelo de nenhum conquistador. A sua victoria abriu um mundo novo, e rasgou á civilisação os trilhos por onde abraçou todo o globo. Que general fez, não dizemos tanto, porém metade d'isto só? O que são os imperios antigos e modernos comparados com os descobrimentos que D. Henrique iniciou?

REBELLO DA SILVA.

1 Archivo Nacional, maço 35, n. 2 da collecção de bullas.
2 Cadamosto. *Navegações*, relação I.